

Franz Kafka

Josefina, a cantora ou o Povo dos Ratos

NOSSA CANTORA SE CHAMA JOSEFINA. Quem não a ouviu não conhece o poder do canto . Não há quem não se deixe arrebatado por seu canto, prova maior de seu valor uma vez que, em geral, nossa raça não aprecia a música. A quietude é nossa música preferida; nossa vida é dura, não somos mais capazes, mesmo quando tentamos nos livrar das preocupações do dia-a-dia, de nos elevar a algo tão distante de nossa rotina visual quanto a música. Mas não nos lamentamos muito, nem mesmo nos queixamos; uma certa astúcia prática, que admitimos nos ser praticamente indispensável, é o que consideramos ser nossa maior virtude, e com um sorriso proveniente dessa mesma astúcia pretendemos nos consolar de todos os problemas, mesmo quando nos invade — o que jamais acontece — a falta da felicidade que talvez produza a música. Josefina é a exceção; ela ama a música e sabe como transmiti-la; ela é a única; com sua mãe, também a música — quem sabe por quanto tempo — desaparecera de nossas vidas.

Já me perguntei muitas vezes o que realmente significa a sua música. Porque somos totalmente não-musicais; como podemos então compreender o canto de Josefina ou pelo menos, já que Josefina afirma que não o fazemos. pensar que o compreendemos? A resposta mais simples seria que a beleza de seu canto é tão grande que nem mesmo os mais insensíveis podem ignorá-la, mas essa resposta é insuficiente. Se realmente assim fosse , seu canto deveria proporcionar a quem o ouve uma imediata e duradoura sensação de algo extraordinário, a sensação de que de sua garganta ressoa algo que nunca ouvimos antes e nem mesmo temos capacidade

de ouvir, algo que somente Josefina, e ninguém mais, faz com que sejamos capazes de ouvir. Na verdade, minha opinião é outra, não é isso o que sinto e nunca percebi que outros o sentissem. Entre amigos, admitimos claramente que, como canto, o canto de Josefina nada tem de extraordinário.

Para começar, é de canto que se trata? Apesar de nossa falta de musicalidade, temos uma tradição de canto; em tempos remotos, nosso povo cantava; isso é mencionado em lendas e algumas canções chegaram a sobreviver, ainda que atualmente ninguém seja capaz de cantá-las. Temos então uma idéia do que seja o canto e é evidente que a arte de Josefina não corresponde a tal idéia. Assim, é de canto que se trata? Não seria talvez um simples chiado? E sabemos todos que o chiado é a real aptidão artística de nosso povo, ou, mais do que uma aptidão, nossa característica expressiva vital. Todos nós chamamos, mas evidentemente a ninguém ocorre que nosso chiado seja uma arte, chamamos sem pensar, até mesmo sem perceber, e há muitos entre nós que sequer sabem que chiar é uma de nossas características.

Então, se fosse verdade que Josefina não canta mas apenas chia e talvez, como parece pelo menos a mim, seu chiado não ultrapasse os limites de um chiado comum — talvez até sua força nem mesmo chegue a igualar nosso chiado habitual, enquanto um simples lavrador pode chiar o dia inteiro sem se cansar, mesmo fazendo o seu trabalho —; se tudo isso fosse verdade, seriam então de imediato refutadas as alegadas habilidades vocais de Josefina, o que apenas traria à luz o verdadeiro enigma a ser solucionado, a enorme influência por ela exercida.

Porque, afinal, é um chiado o som que ela produz. Se nos pomos à escuta bem longe dela, ou melhor, se colocamos à prova nosso discernimento tentando identificar sua voz quando seu canto nos chega misturado a outras

vozes, só conseguimos perceber, sem sombra de dúvida, um vulgar chiado que, no máximo, difere dos outros por sua delicadeza ou sua fragilidade. Se, entretanto, estamos diante dela, já não ouvimos um mero chiado; para compreender sua arte é necessário não apenas ouvi-la mas também vê-la. Ainda que se tratasse de nosso habitual chiado cotidiano, haveria, antes de tudo, esta peculiaridade a considerar, o fato de estarmos diante de alguém que se prepara solenemente para executar um ato cotidiano. Quebrar uma noz não é exatamente um grande feito, portanto ninguém se atreveria a reunir uma platéia a fim de entretê-la

com quebra-nozes. Mas se ainda assim alguém o faz e com isso consegue entre ter a platéia, então já não se trata de simplesmente quebrar nozes. Ou talvez se trate simplesmente de quebrar nozes, mas então descobrimos que havíamos negligenciado por completo a arte de quebrar nozes porque nela éramos mestres e que esse recém-chegado quebrador de nozes nos está mostrando pela primeira vez sua verdadeira essência, chegando até a considerar importante aparentar ser menos hábil em quebrar nozes do que a maioria de nós.

Talvez aconteça o mesmo com o canto de Josefina; admiramos nela o que não admiramos em nós mesmos; a respeito disso, devo dizer, ela concorda inteiramente conosco. Eu estava presente, uma vez, quando alguém, como muitas vezes acontece, referiu-se ao chiado popular que se ouvia por toda parte, referência aliás bastante tímida, mas para Josefina aquilo era mais que o suficiente. Eu nunca tinha visto sorriso mais sarcástico e arrogante do que o seu naquele instante; ela, que aparenta ser a personificação da delicadeza, destacando-se mesmo em meio a nosso povo tão rico de tais tipos femininos, chegou naquele momento a parecer realmente vulgar; aliás, com sua extrema

sensibilidade, ela imediatamente se deu conta do que fazia e se controlou. A qualquer preço ela nega qualquer relação entre sua arte e o prosaico chiado. Por aqueles cuja opinião é contrária, sente apenas desprezo e, provavelmente, um ódio inconfesso. Não se trata de simples vaidade, porque tais opositores, com os quais de certa forma concordo, com certeza não a admiram menos do que a multidão, mas Josefina não se conforma com a simples admiração, quer ser admirada exatamente do modo que determina, a simples admiração a deixa indiferente. E, quando nos sentamos diante dela, podemos compreendê-la; a oposição só é possível à distância; quando se está diante dela, sabe-se:

seus chiados não são chiados.

Como chiar é um de nossos hábitos inconscientes, poder-se-ia supor que as pessoas na platéia de Josefina também chiariam; sua arte faz com que nos sintamos felizes e, quando estamos felizes, chamamos; mas sua platéia nunca chia, ficam todos quietos como ratos; como se nos tornássemos parte da paz que tanto desejamos, da qual nosso próprio chiado nos afastaria, nos calamos. É seu canto que nos encanta ou será ainda mais o solene silêncio que envolve sua voz pequenina e frágil? Uma vez, enquanto Josefina cantava, uma criaturinha começou inocentemente a chiar também. Ora, era exatamente o mesmo que Josefina nos fazia ouvir; diante de nós o som do chiado que, apesar de todos os ensaios, era ainda inseguro, e na platéia o involuntário chiado de uma criança; teria sido impossível distinguir a diferença; mas ainda assim saíamos e assobiamos para calar o intruso, embora na verdade isso não fosse necessário, pois o mesmo teria imediatamente se retirado com medo e vergonha, enquanto Josefina lançava suas notas mais triunfais e chegava a ficar fora de si, abrindo os braços e esticando o pescoço até não poder mais.

Ela é sempre assim, qualquer ninharia, qualquer incidente Inesperado, qualquer aborrecimento, um estalo no assoalho, um ranger de dentes, um defeito na iluminação, tudo lhe serve de pretexto para ressaltar o efeito de seu canto; ela de algum modo acredita que canta para ouvidos surdos; aprovação e aplauso não lhe faltam, mas há muito aprendeu a não esperar pela verdadeira compreensão, do modo como a concebe. Por isso toda perturbação lhe é bemvinda; qualquer interferência externa que ofusque a pureza de seu canto, a ser superada com um pequeno esforço, até mesmo sem esforço algum, pelo simples confronto, pode ajudar a acordar as multidões, a ensinar-lhes talvez não a compreensão mas um respeito intimidado.

E, se os pequenos contratemplos lhe prestam tal serviço, o que não fazem os grandes! Nossa vida é muito agitada, cada novo dia nos traz surpresas, apreensões, esperanças e terrores, tanto que seria impossível para um único indivíduo suportá-la se não puder contar, dia e noite, com o apoio de seus companheiros; mas ainda assim tudo fica às vezes muito difícil; com freqüência, pelo menos mil pares de ombros tremem sob uma carga na verdade destinada a um só. Josefina, então. acredita que sua hora chegou. Então se ergue, a delicada criatura, abalada por vibrações sobretudo debaixo do osso esterno, a tal ponto que nos preocupamos com ela, como se ela tivesse concentrado toda a sua força em seu canto, como se toda a energia tivesse sido retirada de tudo nela que não seja diretamente destinado ao canto, quase toda a força vital, como se ela se tivesse desnudado, abandonado, entregue apenas aos cuidados dos anjos da guarda, como se então, estando ela tão inteiramente absorvida e vivendo apenas em seu canto, um sopro frio lançado sobre ela pudesse matá-la.

Mas exatamente quando ela assim se apresenta, nós que nos declaramos

seus oponentes costumamos dizer:

— Ela nem mesmo consegue chiar; tem que fazer um esforço tão terrível para conseguir emitir um canto — não podemos chamar aquilo de canto — mas algo parecido com nosso habitual chiado comum.

Assim nos parece, mas tal impressão, ainda que, como eu já disse, inevitável, é efêmera e fugaz. Mergulhamos nós também no sentimento da multidão que, corpos calorosamente comprimidos uns contra os outros, a escuta com a respiração suspensa.

E para reunir ao seu redor esse nosso povo que está quase sempre com pressa e correndo de um lado para outro por razões nem sempre muito claras. Josefina praticamente nada precisa fazer além de se levantar, cabeça jogada para trás, boca semi-aberta, olhos voltados para cima, na posição que revela sua intenção de cantar. Ela pode fazer isso onde quiser, não é preciso que seja um lugar visível de longe, qualquer cantinho escondido escolhido no capricho do momento fará o mesmo efeito. A notícia de que ela vai cantar corre imediatamente e logo para lá acorrem procissões inteiras. Mas às vezes, do mesmo modo, obstáculos aparecem. Josefina prefere cantar exatamente quando as coisas estão mais agitadas, diversas preocupações e perigos nos forçam então a seguir por caminhos errados, nem com a maior boa vontade do mundo poderíamos nos reunir tão depressa quanto quer Josefina, e nessas ocasiões ela fica lá, solene, por um bom tempo, à espera de um público suficiente — então ela fica realmente furiosa, sapateia, xinga de um modo nada virginal, chega até a morder. Mas nem mesmo tal comportamento mancha sua reputação; em vez de refrear um pouco suas exageradas exigências, as pessoas se empenham em satisfazê-las; mensageiros são enviados para convocar novos ouvintes; ela é mantida na ignorância do que está sendo feito; pelas

estradas vizinhas podem ser vistas sentinelas lá postadas, acenando aos recém-chegados para apressá-los; isso continua até que se consegue reunir uma platéia razoavelmente numerosa.

O que leva o povo a fazer tanto esforço por Josefina? Pergunta tão difícil de responder quanto a que se referia ao canto de Josefina, à qual está intimamente ligada. Poderíamos suprimi-la e combinar ambas numa nova pergunta, se seria possível garantir que por causa de seu canto as pessoas eram tão incondicionalmente devotadas a Josefina. Mas não é o caso; a devoção incondicional é muito pouco conhecida entre nós; somos um povo que ama a astúcia acima de tudo, sem qualquer malícia, certamente, e os cochichos ingênuos e a tagarelice inocente, uma tagarelice superficial, certamente, mas gente desse tipo não se entrega à devoção incondicional, e isso Josefina com certeza percebe, e é contra isso que luta com toda a força de sua frágil garganta. Ao fazer declarações tão generalizadas, é claro, não deveríamos ir longe demais, nosso povo é realmente devotado a Josefina, só que não incondicionalmente. Por exemplo, ninguém seria capaz de rir de Josefina. É preciso admitir, há muita coisa em Josefina capaz de provocar o riso; e o riso em si mesmo nunca está distante de nós; apesar de toda a miséria de nossas vidas, o riso tranqüilo está sempre, por assim dizer, nos rondando; mas de Josefina não rimos. Tive muitas vezes a impressão de que nosso povo interpreta sua relação com Josefina desta maneira, como se ela, essa frágil criatura, precisando de proteção e de certo modo notável — notável pela sua força lírica, na opinião dela —, fosse sua responsabilidade e como se devessem cuidar dela; a razão de tal sentimento não é clara, mas o fato parece indiscutível. Mas o que é responsabilidade de alguém não pode ser motivo de riso; rir seria faltar ao

dever; a maledicência maior de que o mais maledicente entre nós é capaz em relação a Josefina é dizer de vez em quando: "A visão de Josefina já basta para fazer alguém parar de rir."

Assim cuida o povo de Josefina, como cuidaria um pai da criança cuja mãozinha — não se pode afirmar se para pedir ou exigir — lhe é estendida. Poder-se-ia pensar que nosso povo não é feito para desempenhar tais funções paternas, mas na verdade ele as desempenha, pelo menos nesse caso, admiravelmente bem; nenhum indivíduo poderia fazer o que a esse respeito é capaz de fazer a totalidade do povo. Em verdade, a diferença em força entre o povo e o indivíduo é tão enorme que basta ao protegido ser envolvido pelo calor de sua proximidade para estar suficientemente protegido. Com Josefina, sem dúvida, ninguém se atreve a mencionar tais idéias. "Sua proteção não vale uma velha canção", diz ela. Está bem, está bem, velha canção, pensamos nós. E além do mais, seu protesto não é bem uma teimosia, é mais um jeito infantil de ser e uma gratidão infantil, enquanto o jeito de ser de um pai é não dar muita atenção a isso. Mas há algo mais por trás disso que não é tão fácil de explicar através da relação entre o povo e Josefina. Josefina, é preciso que se diga, pensa exatamente o contrário, acredita que é ela quem protege o povo. Quando estamos numa crise política ou econômica, seu canto é nossa salvação, nada menos do que isso, e, se não afasta o mal, ao menos nos dá forças para enfrentá-la. Ela não o diz com essas palavras ou com quaisquer outras, de qualquer modo ela fala muito pouco, fica calada entre os tagarelas, mas o que pensa jorra de seus olhos, e em sua boca fechada — poucos dentre nós conseguimos manter a boca fechada. mas ela consegue — tudo é perfeitamente legível. Sempre que recebemos más notícias — e em muitos dias as más notícias chegam umas

atrás das outras, mentiras e meias-verdades incluídas — ela de imediato se levanta, já que em geral fica sentada distraída no chão, se levanta e estica o pescoço e tenta ver por sobre as cabeças de seu rebanho como um pastor antes da tempestade.

É sem dúvida um hábito das crianças, no seu jeito indomado e impulsivo, fazer tais alegações, mas as de Josefina não são tão infundadas quanto as das crianças. Por certo ela não nos salva e não nos dá forças, é fácil para alguém posar de salvador do nosso povo, habituado que ele está ao sofrimento, temerário, rápido nas decisões, familiarizado com a morte, acanhado apenas na aparência, na atmosfera de despreocupada audácia que respira sem cessar, e além disso tão prolífico quanto corajoso; é fácil, digo, alguém posar, a posteriori, de salvador do nosso povo, que de algum modo sempre conseguiu se salvar, mesmo a custo de sacrifícios que deixam os historiadores — em geral ignoramos por completo a pesquisa histórica — horrorizados. É também verdade, entretanto, que exatamente nas emergências prestamos mais atenção do que em outros tempos à voz de Josefina. As ameaças suspensas sobre nós nos tornam mais quietos, mais humildes, mais submissos à dominação de Josefina; gostamos de ficar juntos, gostamos de nos amontoar uns contra os outros, sobretudo em momentos que nada têm a ver com os problemas que nos preocupam; é como se estivéssemos bebendo com muita pressa — sim, é preciso pressa. Josefina com freqüência se esquece — de uma taça de paz em comum antes da batalha. Trata-se menos de um espetáculo de canto do que de uma assembléia do povo, e uma assembléia onde, exceto pela vizinha que chia à frente de todos, reina um absoluto silêncio; o momento é grave demais para que o desperdicemos em conversas.

Uma relação desse tipo, certamente, jamais satisfaria Josefina. Apesar de

todo o estado de nervos que toma conta de Josefina devido ao fato de que sua posição nunca ficou muito clara, ainda há muita coisa que ela não vê, cega por sua presunção, e ela pode com muita facilidade ser levada a desconsiderar muitas outras: um enxame de adutores está sempre cuidando disso, prestando assim um serviço público — para ser apenas uma intérprete incidental e despercebida, num cantinho, em meio a um agrupamento do povo, ainda que em si não fosse pouca coisa, por isso ela não faria por nós o sacrifício de cantar.

Nem precisa fazer, pois sua arte não passa despercebida. Ainda que estejamos no fundo preocupados com muitas outras coisas e não seja em absoluto porque ela canta que a quietude prevalece e embora mais de um ouvinte sequer olhe para cima e esconda a cara no pêlo de seu vizinho, de tal modo que Josefina de pé lá na frente pareça estar se esforçando à toa, ainda assim há algo — não se pode negar — que irresistivelmente nos atinge a partir do chiado de Josefina. Esse chiado, que se eleva quando todos os demais estão entregues ao silêncio, chega quase como uma mensagem de todo o povo a cada indivíduo; o tênue chiado de Josefina em meio às graves decisões é quase como a precária existência de nosso povo em meio ao tumulto de um mundo hostil. Josefina se esforça, uma coisinha de nada em voz, uma coisinha de nada em interpretação, ela se impõe e nos chega à alma; pensar nisso nos faz bem. Nesses momentos, não conseguiríamos suportar um cantor realmente experiente, supondo que pudesse haver algum entre nós, e unânimes daríamos as costas à insensibilidade de semelhante espetáculo. Que Josefina nunca descubra que o simples fato de a escutarmos é a prova de que não é uma cantora. Alguma idéia a respeito ela deve ter, ou não afirmaria com tanta veemência que não a ouvimos, mas continua cantando e chiando para

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

